

2023

FUTURA RIOSA

UM ENCONTRO DE 3 DIAS
ENTRE ESCRITORES E PESSOAS
ZANGADAS COM A LEITURA
OU A SOCIEDADE

LISBOA | PORTO | AMIENS

A CADEIRA NÃO BRINCA

João Pedro Azul
com Ana Maria Rodrigues, Paula Gonçalves, Vinícius Coscioni
Associação Qualificar para Incluir

ilustração
Paulo Anciães Monteiro

Traduções

Morgane Masterman
Joana Cabral
Cláudia Oliveira
José Lima
Mariana Vieira
Rui Teigão
Maria João Brilhante
João Pedro Bénard
Joana Frazão

Revisão de texto

Clara Boléo
Nelma Vieira
Susana Baeta

Leram e musicaram
no dia 18 de Junho de 2023

Carla Bolito
Diogo Dória
F. Pedro Oliveira
Inês Nogueira
José Manuel Mendes
Marina Albuquerque

Diana Dionísio
Jorge Aurélio
Pedro Rodrigues

Brinca, cadeira, brinca
Sei que estás um pouco zangada
por a vida te ter esboçado assim
mas agora
agora compete-te a ti pintar a folha
esse lugar onde os sonhos florescem
livres e desvairados
à imagem e semelhança
desse deus de quem és alimento
Sei que sempre te disseram
que uma cadeira não sonha
que isso é fruto
que não poderás tu saborear
Diz-se muita coisa, é verdade,
mas será essa a tua verdade?

Brinca, cadeira, brinca
Sei que queres ser pássaro
e a árvore onde este repousa
enquanto a lua canta amores antigos
amores de papel ao vento
Sei que há um cavalo indomável
dentro dessa tua aparente imobilidade
e um presente por desbravar
antes que a tarde se faça noite

O primeiro passo já foi dado:
de uma das pernas fizeste braço
e com esse braço
acenaste por todas as partidas
por todos os alfinetes pregados
no forro ardente da tua pele
espelho baço de todas as tentativas

Vem, cadeira, vem sem medo
Esta história é certamente tua
É mais do que tudo a tua história
A ti também eu me entrego
à escuta das manhãs que não vivi
abraçando assim o desconhecido

e a certeza de saber tão pouco
Vem e juntos vamos
ser as metades desta brincadeira
Vem, cadeira
que isto
é a coisa mais séria do mundo
depois de todas as outras



DE ONDE VIEMOS

Serena Cacchioli
com Abdul, Vitalii, Artem e Angela
Conselho Português para os Refugiados

ilustração
Carlos Quitério

1. Vieste como? A pé. Ah, ok. A pé? Sim, vim a pé. Do Afeganistão. A pé? Sim, sim, vim a pé. Do Afeganistão. Demorei um ano e seis meses. Tinha quinze anos. Depois, dezasseis. E seis meses. Agora tenho dezassete e o meu cabelo parece uma onda do mar. Andei, andei, andei. Tenho nos olhos o mundo que atravesssei. No Irão, um polícia, uma besta. Nas florestas, um urso, uma vez. Fugi rápido, corri. Fiquei quatro dias sozinho nos bosques. Depois encontrei os outros. Uma cobra mordeu-me o braço. O meu braço direito. Já tinha recebido uma bala, aqui, vês? Perto do cotovelo. E já tinha vivido uma bomba. Perto da minha casa. Já tinha visto os corpos, os membros, o sangue. Mas dessa vez foi no carro, com o meu pai, que trabalhava para os americanos. Quando os talibãs dispararam e eu só me lembro das luzes e do nada. Dois meses em coma, disse a minha mãe. Fiquei a dormir dois meses. E demorei quatro meses, a seguir, para me lembrar de quem eu era. Era Abdul, diziam-me, tinha quatorze anos, tinha seis irmãos e duas pernas compridas que me serviriam para atravessar o mundo. E eu lembrei-me. Voltei a amá-los todos. Mas parti. Agora nada sei deles. De ninguém. Sou uma raiz solta, um caminhante atrás de outros caminhantes. Um menino esquecido que bebe a água escura dos charcos nos passeios, uma criança que não sabe se tem forças para atravessar mais uma montanha, mais uma fronteira. Mas na Grécia, uma casa simpática deu-me pão para comer, uma cama para dormir, indicou-me o caminho para seguir. Andei, andei até não haver mais terra para andar. E cheguei até este país onde acaba a terra, onde começa o mar. Parei. E respirei. Fiz anos e fui para a escola. Aprendi a ler, escrever, tocar, jogar futebol. Maltratei o meu braço outras vezes, fiz-lhe umas tatuagens que ele não queria, mas agora já não o faço. Gosto do Sporting. E também do Benfica. Não compreendo porque é que se deve escolher só uma equipa. Serei tradutor, farei um filme, trabalharei

num banco. Estenderei uma mão até ao Afeganistão para acariciar a face do meu pai, só uma última vez. Os meus seis irmãos, a minha mãe. E com essa mão que acaricia também irei agarrar quem precisar de fugir dali.

2. Eu sou Vitalii e escrevi uma peça de teatro. Estava na Rússia. E a peça falava mal do governo, da guerra, dos soldados. Recebi uma visita deles em casa. E o meu vizinho espancou-me com um tronco de árvore. Ainda tenho a cicatriz na cabeça. Não se podem criticar, certas coisas. Não hoje, não aqui. Não na realidade, não no teatro. A minha família tirou-me a casa, não me quis. Se agora escrevesse algo, seria sobre as famílias partidas. Seria sobre partir e estar só. Gostava de voltar ao meu teatro escuro, onde estava descalço a imaginar histórias, as minhas personagens, a minha dor. Agora aprisionam-me os papéis. Não me concedem o visto. Burocracias. Esta minha alma agnóstica que vês está pendurada às decisões de quatro burocratas engravatados a uma mesinha de vidro. Que nada sabem de mim, da minha cicatriz, da minha camisa que sonha em outras línguas. Das minhas viagens sentado numa cadeira. Das minhas viagens reais.

3. Eu chamo-me Artem. Eu chamo-me Angela. E tu não compreenderás a nossa história. É uma história de engenheiros metalúrgicos numa cidade de um porto comercial, na Ucrânia. Mariupol, deves ter ouvido falar. Mas não entenderás. Não há palavras para entender as bombas. Não há palavras para descrever uma invasão. Viemos de autocarro graças a uns voluntários russos que nos ajudaram arriscando tudo. Duas semanas e trinta horas. E agora já não sabemos se a nossa cidade existe, e de quem é. É nossa? É deles? Está aquém? Está além? Dois pedaços de nós estão na Europa. Um nos Açores, outro na Alemanha. E nós agora estamos aqui, no meio, já com demasi-

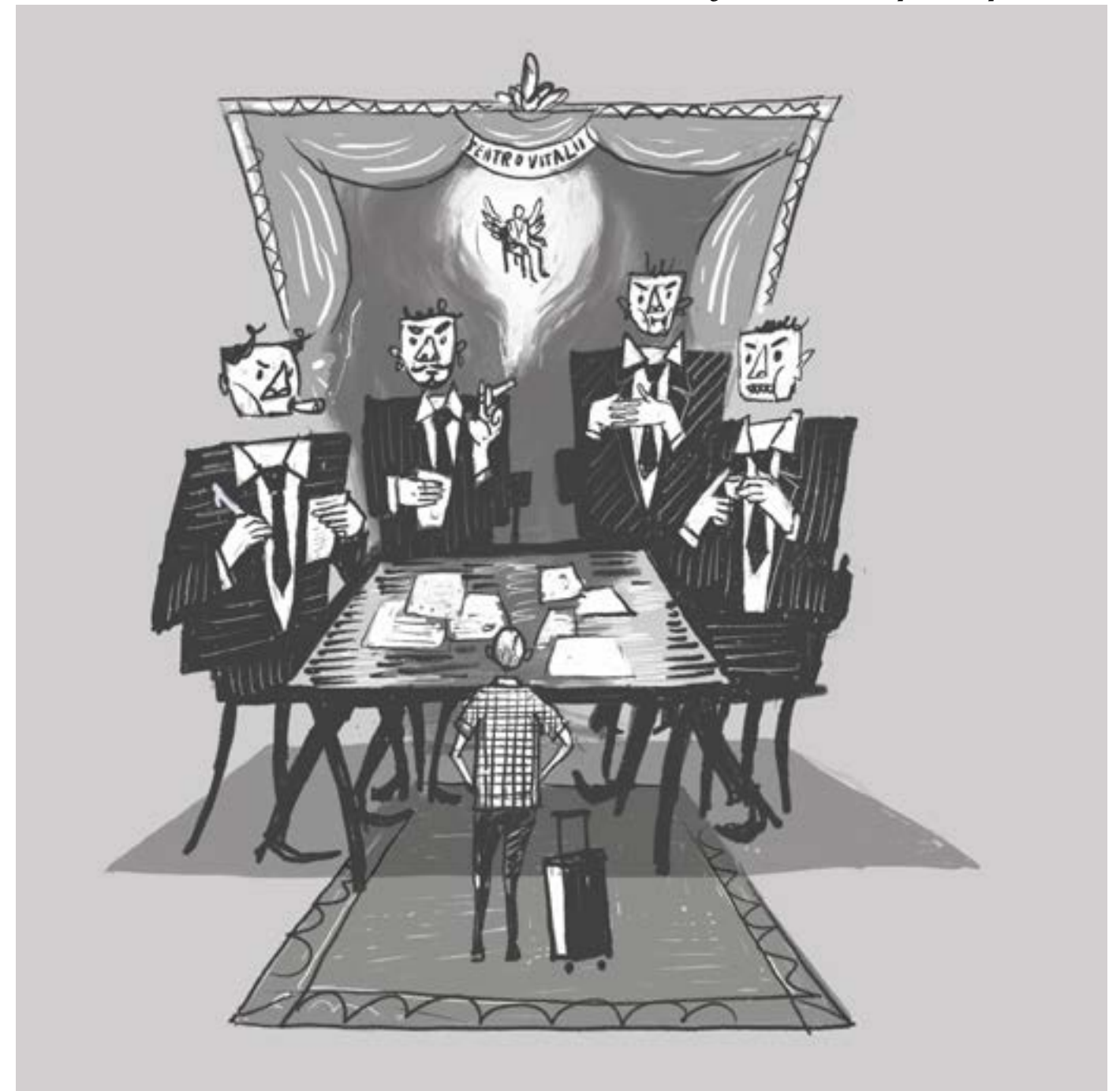
ados anos nas costas para podermos recomeçar um mundo. Fomos de Mariupol para o Pinhal Novo até esquecermos as explosões. Até esquecermos a vida que existia e que se queria continuar. Até nos entregarmos a esta outra paz. Diferente.

1. Uma noite, na floresta, seguíamos uma pessoa com o GPS que caminhava à nossa frente. Ninguém via nada. Pelos vistos apareceu um lago de repente e a primeira pessoa não o viu. Caiu, splash. A segunda pessoa também caiu, splash. Engolida no escuro. Quando cheguei também eu caí, splash. Foi a coisa mais divertida que nos aconteceu na viagem.

3. Nessa altura tínhamos um gato muito pequeno e um cão muito grande. Nesse dia tivemos de mudar de

casa rapidamente, não sabíamos onde pôr o gato e decidimos transportá-lo fechado numa mala. Seria rápido, não se passaria nada. Íamos a caminhar lentos, com o cão à trela e o gato na mala, no meio de outras pessoas a arrastar bagagens quando... Miau!, disse o gato dentro da mala. Toda a gente se virou e olhou para nós. Mas só viram um cão enorme e as nossas caras cansadas. Estranharam. E não disseram nada. Continuámos a andar mais um pouco. E Miau!, disse o gato outra vez. E todos olharam de novo para o cão. É um cão diferente, dissemos nós, não liguem. Fala outra língua.

4. Mir em russo significa paz, e também mundo. Drugh em ucraniano significa amigo. Shakur Eliziad em dari significa muito obrigado. E estas são algumas das nossas palavras preferidas.



UMA VISITA À TERRA DO *EU NÃO QUERO SABER*

Alex Couto

com Artyom, Íris, Santiago e Santiago, em directo da terra do *eu não quero saber*

Grupo de jovens da ARAL

ilustração

João Cabaço

É difícil perceber que algumas das coisas mais literárias do mundo não são assim tão literárias quanto isso. Sobretudo quando não se lê assim tanto. Só que a grande literatura é feita de banalidade, da magia que existe nos momentos desprovidos dela e, sobretudo, daquilo que é tão natural que só com um olhar mais profundo conseguimos entender como beleza.

Quando comecei a falar com os habitantes da terra do *eu não quero saber*, fiquei sobretudo curioso com o motivo pelo qual não queriam saber. Depois disso, descobri que os motivos eram muitos e bem mais complexos do que pareciam à partida. Eles não queriam saber, mas sabiam bem porque é que não queriam.

Não queriam saber porque as coisas que sabem servem-lhes de pouco. As matérias dadas na escola pública não os equipam com ferramentas para saberem navegar a vida no bairro.

Não queriam saber porque isso prova um ponto de vista, mostra que estão bem acima dessas realidades corriqueiras em que o elevador social funciona, que estão seguros de que a sua existência não vai ser recompensada pela performance escolar.

Não queriam saber porque quanto mais sabem, mais cromos são. Numa realidade urbana em que a rejeição da escola é uma prova de um posicionamento alternativo face à sociedade, porque é que hão-de querer parecer marrões ou, pior ainda, chatos?

E é por isso que é tão importante saber, disse-lhes eu, turista na terra do *eu não quero saber*, mas natural de uma terra parecida, a terra do *isso não me interessa nada*. Saber é uma vingança contra as condições do nosso nascimento, uma tentativa de compreensão da nossa própria realidade. Quando aceitamos o saber, isso pode até ser uma tentativa de escapismo em relação à vida onde florimos.

Saber pode ajudar-nos a perceber que a terra do *eu não quero saber* revela afinal a terra do *eu acho que não há nada para aprender*.

Quando olhamos para a terra do *eu não quero saber* com a certeza das reflexões que fizemos sobre ela, descobrimos que não querer saber pode ser tão literário como querer saber tudo ou não conseguir aprender nada. Há uma realidade, um subtexto e uma tristeza profunda no não querer saber, mas há sobretudo uma prova de que nem todos partimos na mesma posição para saber mais.

Espero visitar mais vezes a terra do *eu não quero saber*, vezes suficientes para um dia me deparar com a sua ausência e encontrar no lugar dela a terra do *gostava de saber mais sobre isso*. Essa transformação seria profundamente literária.

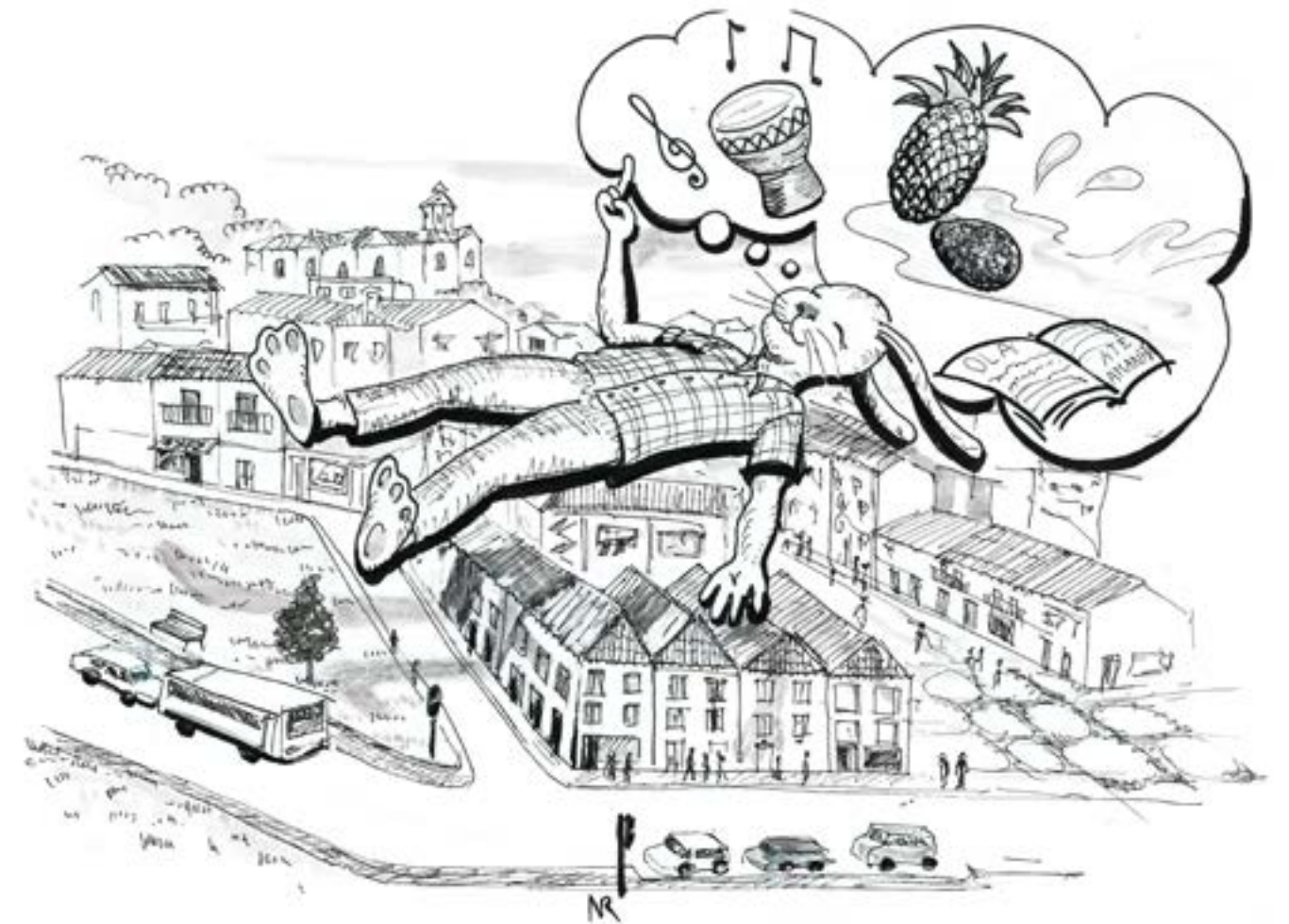


MANHÃ POP-UP

Paola D’Agostino
com Gustavo, João, Madalena, Simão, Violette, Zéfiro e Zoe
Escola Básica do Castelo

ilustração
Nadine Rodrigues

Yuuu-huuuuuuuuu
Alô alôooo
Taka-taka-taka-taka-taka-tá
Eu sou a palavra que te espera ao abrires O LIVRO DA MANHÃ
Sou o vento que sopra de norte, o sono que não te larga, sou uma bolinha de rocha e sou
ESTUPEFACTO: parece um facto estúpido, mas não é, é ficar boquiaberto, tipo espantado, coisa rara de se ver, como a carta de amor de uma ex...
SEGREDO, eu sou o segredo que aninha na descoberta, o enigma, o incompreensível, e sou a guerra num diário tão triste que te deixa pe-tri-fi-ca-da sempre que o lês
Sou tudo aquilo que não sabes traduzir, cuja ideia te fascina, porém, como ESBORRALHADOIRO e eléctrico, ou ABACAXI quando o pronuncias, quando se derrete na boca como CHOCOLATE e ABACATE, sou o sabor e sou o feitiço do som
Sou a MÚSICA porque te sentes livre quando crias, e danças, sou as cordas que te faltam e o piano eléctrico, sou a PJ Harvey no teu disco favorito, o musical da Matilda, a professora Ariana a cantarolar: Sweet Dreams Are Made of This
Sou BARULHO do bom, recreio no pátio, os gajos de Alfama e o autocarro a passar, o mesmo que te leva ao trabalho, e sou a janela que vês pela janela do autocarro (712, por sinal)
Sou tudo o que te faz viver, sou a ÁGUA e a comida que te enche e sabe bem
E sou FELIZ – faz-me feliz o feliz e mais feliz não há do que a alegria e a CALMA – descanso e assim não corro, oh, não corro, não
Eu sou o NÃO: coelho com um dedo levantado que vai mexendo na página como um pára-brisas, são muitos dedos que se sucedem aliás e depois apagam, continuamente, porque esse dedo do não é muito impaciente
Sou as ESTÓRIAS, porque os humanos são os únicos que conseguem acreditar em estórias, acreditas? Até os antigos se juntavam à volta de uma estória e só assim, reunidos, conseguiam a coragem necessária para matar mamutes, e depois comiam todos juntos o mamute, com acompanhamento de bananas e mais estórias.
Eu sou o AMIGO, pessoa muito próxima, sirvo para estabelecer ligações, porque um amigo é um escutador, brinca contigo, e ainda é muitas coisas, pode estar triste e contente ao mesmo tempo porque o amigo é MARADO, é daqueles que têm várias identidades, há pessoas assim, pois há
Eu sou a PORTA que abre outra porta, a sala onde aprendeste a escrever o teu nome, sou o castelo e a biblioteca, a menstruação e o corte de cabelo, sou Tavira a três horas de auto-estrada, o ordenado do Homem-Aranha, sou a conversa, o abraço, o dente que dói, a coincidência, o atraso, a melancia e ainda o tigre, o leque, o pau do equilibrista, a piada marota que te faz corar. Sou mais uma pergunta.
Sou a mochila onde guardas o lanche. O relógio que conta os minutos. As mãos que batem no tambor da mesa.
Sou a primeira saudação e a última, o OLÁ e o ATÉ AMANHÃ
Taka-taka-taka-taka-taka-tá



OS NOMES

João Paulo Esteves da Silva

com Daniela Dias, Cristiano Sousa Marques, Isaac Oliveira e Tiago Filipe Freitas Gomes (Djaló)

Grupo ZIC - PER 11

ilustração

Mantraste

A agenda marca 8h-Leitura Furiosa. Encontro às 10h, no Alto do Lumiar.

Pressentimentos de religião, de sacrifício, nesta subida ao monte, à Alta de Lisboa onde, não há muito, havia campo e quintas e agora há prédios. Bairros de ricos e bairros de pobres, alguns nomes bucólicos: Quinta das Conchas e dos Lilases, Quinta das Lavadeiras, Sete Céus; outros, que mais lembram siglas militares, como PER11, que rima com bronze.

Encontro os meus convivas à porta da ARAL. Jovens: Daniela, 19 anos, Isaac, 17, Cristiano, 17 e Djaló, 14. Os pressentimentos religiosos começam a confirmar-se, ali, nos três nomes bíblicos e, ao saber, depois, que Djaló se chama, afinal, Tiago, sinto invadir-me aquela trepidação (isto está tudo ligado, pá) que, deixada solta, convida à loucura mais ou menos perigosa, mas que, não ultrapassando um certo limiar vibratório, pode induzir este estado propício à escrita. Veremos, todo o cuidado é pouco.

Sentamo-nos os cinco a conversar. Antes de mais: «você gosta de ler?» Daniela, sim, Cristiano, não, Djaló não, e Isaac, algo que não percebo à primeira, mas sim, lê. «E o quê?» «Livros de orações» Reparo, então, no que tem escrito na T-shirt: Um coração adorador nunca volta atrás. A Daniela lê romances e é animadora, de vocação: «Eu queria ser tudo. Acabei por escolher o trabalho social»; conhece bem os rapazes e tenta ajudar-me a fazê-los falar. Porque fica logo claro que não trago grandes estratégias de interrogador. «E escrever, vocês escrevem?» Djaló não escreve, desenha, está neste momento a desenhá-lo, a lápis, primeiro no tampo da mesa, depois numa folha solta e, finalmente, no seu próprio caderno de folhas A4; tem planos para o futuro: desenhá-lo roupa e ter a sua própria empresa. E os olhos dizem que assim será. Cristiano joga à bola e quer ser futebolista, mas, quanto a escrever, é perentório: «Não, nunca!» Insisto: «Nunca, mesmo? Nunca escreveste?» «Escrevi. Mas agora já não escrevo» «E deixas em aberto voltares a escrever, ou não?», «não, isso não vai acontecer». É rapaz de poucas palavras e pratica com virtuosismo a *battle of wits*, a arte de desconversar. Das nossas trocas, saio com a convicção paradoxal de que ele tem tudo para ser escritor. Porque só um escritor (em ato ou em potência) dirá coisas como «nunca mais vou escrever uma palavra». E depois, aquela questão sobre gatos, aliás, sobre a minha gata (falo da minha gata por tudo e por nada) - «a sua gata é autista?», perguntou. E eu respondi «sim, claro, como todos os gatos», com a sensação de ter aprendido algo na batalha.

Todos têm T-shirts com dizeres: The girls are off to Europe, Los Angeles, California, SKA. A relação entre o que a T-shirt do Isaac diz e o que ele faz é evidente; ocorre-me perguntar aos outros se dão importância ao que têm escrito no peito. Nenhuma, ao que parece, calhou assim. E então arrisco falar nos nomes. «Vocês sabem o que os vossos nomes querem dizer?» O Tiago diz que já soube, e esqueceu. «Querem saber?». Sim, querem. Explico que sou um estudioso da língua hebraica, e que os nomes Isaac, Daniela e Tiago, aparecem na Bíblia. Cristiano é um nome grego que traduz uma ideia hebraica. Arrisco então a revelação semântica: Isaac, o riso de Sara perante o milagre da gravidez aos 90 anos; Daniela, que acata os juízos do alto, Tiago, que segue o traçado, o rasto, a pegada. E Cristiano, o ungido, o messias, um homem que liberta os outros homens. Para minha surpresa isto faz-lhes sentido. E quase todos se sentem confortáveis com o próprio nome. Tiago comenta: «É verdade, sou um batedor, tive que me esforçar para encontrar o caminho até aqui, não foi fácil.» Já a ideia de ser ungido para salvar os outros não calha muito bem ao Cristiano. Compreendo-o bem. Eu, para quem acarretar a mistura hebraico-latina do meu nome tem sido um verdadeiro calvário.



PARA OUVIR

Jacinto Lucas Pires
com Maria Kama, Daniela Deía e Gil Val
Grupo de Alfabetização - ARAL

ilustração
Rita Oliveira Dias

Estas palavras vão com a Maria, no Cunene, a caminho da água. Nunca foi à escola, a mãe dizia-lhe para tomar conta dos irmãos. Caminha, com uma criança às costas e uma tina de água equilibrada na cabeça. Às vezes, tem de parar para beber.

Quando foi a revolução em Portugal, havia muitos brancos a vir para a metrópole (dizia-se assim, «metrópole»), e ela veio também. Era nova, tinha a ideia de que aqui as ruas eram brilhantes. Imaginava-se a andar em cima de um espelho. Afinal, ficou num hotel em frente à estação. Trabalhou nas limpezas, e acordava às cinco da manhã, mas era melhor trabalhar fora do que em casa. Fora, pagam; em casa, como não temos a chefe a ver do pó em cima das coisas, vamos adiando.

A Daniela é o contrário. Está em casa e não pára. A família diz-lhe que não sabe descansar. Um dia, foi a pé do Alto do Lumiar até Santo António dos Cavaleiros. Esta frase segue atrás dela, tenta apanhá-la. Parece uma menina, mas já tem uma filha com treze anos. Aprendeu a ler em Angola, só que foi esquecendo e agora está a recomeçar. Tenta ler os letreiros no autocarro. Quer trabalhar como doméstica ou num restaurante; precisa de contrato para ter o papel da residência. A filha já tem, ela não.

O Gil chega, apresenta-se e, de repente: «A D. Maria vivia onde?» Os dois olham-se, silêncio. Descobrem que eram vizinhos há vinte e tal anos, na Quinta Grande. «Eu vivia na Rua da Esperança!», diz o Gil. «O meu pai era o Picasso.» Pausa. «Era o Picasso porque era um artista!» E depois explica o erro da reabilitação: destruíram os bairros e separaram as pessoas. Nos prédios, as pessoas morrem e ninguém sabe. A D. Maria, que agora já é a Tia Maria, diz que o mundo está pior. A Daniela confirma: de pernas para o ar. O Gil diz que, com os prédios, perderam-se os «tios», foi-se a comunidade.

Veio de Angola com os pais, tinha dois anos. Depois emigraram para Inglaterra. Aprenderam inglês, mas nunca perderam o português («manter a base e acrescentar», dizia o pai). E regressaram a Lisboa. O Gil estudou sociologia, *life-coaching*, desporto. Fez atendimento em lojas de luxo, mas não quer mais vender coisas. Quer ajudar os outros. A mulher não o deixava fazer massagens, dizia que ele não sabia; então, ele tirou um curso de massagens à séria. Gosta de saber para fazer, não é de teorias. Mas é um especialista em eles: Luanda, Londres, Lisboa, Lumiar.

A Daniela faz uma bela propaganda aos trabalhos de costura que cria com a Tia Maria e outras colegas, ali ao lado, no Espaço Mundo. Vão mostrar essas peças na feira do bairro.

A Tia Maria já voltou a Angola duas ou três vezes. Não tem filhos, mas tem muita família. «São muitos, parecem ratinhos, sempre mais», diz ela, a sorrir. «Obrigada, não há televisão...»

Durante anos, o Gil ia com os amigos a pé por aqueles lugares todos até a uma sala emprestada, no ISEG da Alameda. Durante o caminho, o tempo passava e os buracos iam-se tornando prédios. Este texto vai com eles, dentro e fora do tempo, despassarado, só a ouvir.



TOGETHERNESS (NA UNIÃO, A FORÇA)

Julieta Monginho

com Sharker Nasrin, Farhana Akter, Sharmin Akter, Laura Gonçalves e Rita Sapkota
Cooperativa Bandim

ilustração

Pierre Pratt

Onde está a beleza?

No canto dos pássaros enquanto conversamos. No sorriso de Sharker quando desvela o rosto. Na parede amarela, com um rasgão do qual nasce a cor branca, porque olhámos para ela e o tempo nos uniu nesse breve olhar. Na barriga de Sharmin, onde o segundo filho se prepara para nascer. Na tessitura de Farhana, cores vindas do Bangladesh para se misturarem com as de Lisboa. Nas seis estações do ano que existem no Nepal, porque a natureza exigiu ser nomeada, e o povo de Ritu, em harmonia com essa profunda ascendência, lhe fez a vontade. Na jovem sabedoria de Laura, que tudo deseja entender.

Onde está a alegria?

No pequeno fruto encarnado colhido, temido, provado corajosamente pela que viaja para a Austrália, convocada pelo amor. No delicioso Naan, com ou sem alho, que todas saboreamos, esfomeadas. Na frescura das bebidas contra o calor feroz do dia. No entendimento em línguas misturadas. No saber que estar unido na diversidade nos torna mais capazes, nos fortalece em sonhos e certezas.

Onde está a bravura?

No cabelo cortado, porque a mulher assim o quis. No cabelo rapado, porque outra mulher quis mostrar como o sangue escreve, melhor do que a tinta, o poder transgressor dos gestos femininos. Na resistência ao veneno insidioso, que não mata à queima-roupa, mas com o vagar da serpente escondida.

Onde está a estranheza?

No confronto com a duração dos laços. O tempo une? O tempo separa? Quantas vidas há numa só longa vida? O que é a beleza? O que é a alegria? O que é a bravura? O que é a estranheza? O que é o amor? O que é o entendimento?

Eis as perguntas que perturbam as palavras. Confundem-se no temor e no desejo. Desenhadas, bordadas, escritas. Atrevem-se a responder a uma só questão: quantas vidas há numa vida? As que quisermos.



UMA VOZ MANDOU-ME AO CAFÉ E EU FUI

Daniela Duarte

com Manuel, Rúben, António, Silvano, Joaquim, Alfredo, Albino, Paulo, Diogo e Paulo João
Casa da Rua

ilustração
Paulo João

Uma voz mandou-me ao café e eu fui.
Fui ao café da rua que o da avenida só no domingo.
Sentei-me e pedi que mudassem de canal.

Estava nas notícias, que são crimes sempre a tor-
to nunca a direito, políticos com a boca aberta,
doenças que precisam do medo como o vírus do
corpo,
guerras aqui tão perto, quase no quintal e eu já as
filmei e até lhes pus música por cima.
Nada mudou e continuaram a morrer pessoas
mas com música por cima.
Foi para o canal história que se repetia, repetia e
repetia
e repetia repetindo-se,
podia ser um poema mas é um defeito. Ou a virtude
do círculo.

Entretanto os anúncios que vendem açúcar para a
veia ou creme para a alma.
Que vendem a Suíça limpa para todos os portu-
gueses.
Todos os produtos, uns atrás dos outros, viciados
em nós.
E acabam no final do verão mortos na areia da praia
que é limpa a troco de uma água morna, uma maçã
e um pão.
Defuntos que duram mais tempo que a memória e
adeus até para o ano
na próxima época balnear.

Noutro canal diziam que as tecnologias nos iriam
abençoar e mostravam homens de bata
a inventar uma vida cheia de perfeição.
Que nós sem tecnologia não somos ninguém.
E é verdade. Quem consegue existir sem um carre-
gador?
No fim, a tecnologia boa é o que nos vai salvar da
tecnologia má, uma aposta?

Uma bosta, mas é.
Rios e montes de tecnologia enterrados em África
no final das suas breves mas boas vidas europeias.
E depois
no canal do tempo dizia que já faltava pouco para o
fim da emissão.
O canal do desporto falava da corrida contra o tem-
po.
No canal ecuménico falavam de paus entre os
homens e ainda pensei que estivesse mal ouvido
mas eram mesmo paus.
No canal memória parou a televisão à porta do Pan-
tanal, depois dos bonecos do Vasco Granja
e da TV Rural.
Encostei-me então ao tempo que se inclinou para
trás
e levei-me à cozinha da minha mãe, onde o forno
era forrado a bosta de vaca
e aprendia guitarra à espera da sementeira.
Pensei que podia viver a montar e desmontar feiras
de carrosséis e carrinhos de choque
e dar fichas aos amigos.

Olhei em redor
Havia pequenas moscas, como pequenos somos
nós.
Somos pequenos e sujos como as moscas.
Na verdade temos muitas coincidências.
Até na falta que as moscas fazem.
E havia um escrito tímido que dizia
Só Deus sabe tudo o que estou sentindo
A tristeza dói-me no peito sem parar
Quantas noites mal dormidas já passei
Só por te amar.

Também havia homens no café, como há em todo o
lado
mas estes homens falavam como se não houvesse
telemóveis na vida.



O MAIS NOME DO MENOS MUNDO

Regina Guimarães
com Myriam Monteiro, Osvaldo Couto, Alex Alves, Ofélia Carvalho e Bruno Borges
na Associação Qualificar para Incluir

ilustração
Bruno Borges

São horas. Há café e conversa e também curvas de sorrisos inquietos. Incertos. Mede-se a presença da ausência em segundos e quintas de verão. Ora bem, são horas. Já passa. Há lista e lanche e livros infantis na prateleira. Bolachas e chocolates belamente dispostos. Um cheiro a limpo e a honesto. Lá fora os 28º do mês dos santos subiram para uns 35º que o mafarrico não desdenharia. Espera-se, confere-se, fere-se o tempo com olhares, lástimas, telefonemas.

Seis mais sete são seis, os outros ficaram a derreter na exigência de lidar com a existência e seus vaivéns.

Uma moça de cabelos longamente negros acaba por escapulir-se. Quem mete assim medo ao susto? O espaço torna-se denso de algumas palavras inúteis, outras porventura menos. Somos em vão? Estamos a mais?

Reparte-se o grupo expectante por duas salas que deixam assim de ser de espera. Explica-se o caderno de encargos e o diário de bordo destes encontros, tão leve que muitos não conseguem discerni-lo. Abrem-se as gavetas da conversa. Escancaram-se as portinholas da confiança. Várias ao mesmo tempo. As artes de viver. As artes da guerra. A escola das modas. A escola dos casamentos. A experiência da exposição. A experiência da provocação.

Fala-se de fazer face, mas à boca pequena, porque a pavorosa sociedade da promessa como que nos obriga ao pudor. Fomos postos ao preço da chuva e da uva mijona. Todos quantos ali na sala e aqui no texto estamos estão sabemos sabem que não faltam os que sofrem de males bem piores que os seus os nossos. Ter-se tão pouco que o futuro se torna tão-só o

que se vai comer no presente. Ter-se tão pouco que o único consolo é ser-se dono de si próprio e sabe-se lá como. Fala-se de fazer face e da dura face das coisas, na certeza de que nem nessa se pode, propriamente, confiar.

Porém, mesmo no desencontro do encontro, ficam a pairar frases que de tão coladas à singeleza do sentido comovem: «querer conhecer uma história bonita», «identificar três caminhos: o teu, o meu e o nosso», «buscar uma via que não seja a já ensaiada do amor livre e dos hippies». Mas sobretudo uma voz que, por detrás duns óculos escuros lembra que a escola republicana não pode esquecer-se de que o seu desígnio é a instrução de muitos e não dos *happy fews*. Ainda assim, companheiro, faltam-nos utopias, pias ou ímpias. Aspiramos a – um quarto, uma casa, um palácio – ignorando por quanto tempo será possível respirar.

Sim, nós desconhecemos o desenlace da guerra na Ucrânia. Sim, nós tememos a eleição de Donald Trump, esse palhaço saído dum filme de terror. Não, nós não nos

esquecemos da Baía dos Porcos. Não, não havia armas de destruição maciça no Iraque destruído pretensamente em nome do nosso modo de vida. Não, nós não conseguimos futurar o planeta em chamas, nem inverter o curso das águas em busca de fonte eterna. Não ou sim, nós não nos vemos nem predadores, nem perdidos. Ou sim. Perseguimos aquilo que nem sequer nos parece ser um fio da meada. Apenas um fio. Um fio de terra. Com ele desenharemos uma ideia de horizonte.



EMENDA

Saguenail
com Zuca Z1, Negrinho, Gonçalo Amaral, Caramelinho da Cova da Moura, Big Smoke Kb,
Benny Monte Kapta, Mini Smoke, Frank, Fátia Alberto e Miguel Carneiro
no Centro Educativo Santo António

ilustração
Miguel Carneiro

A história que aqui vos vou contar não sei se conseguis acreditar é minha e toda ela factual nada é mais impossível que o real Nasci no bairro e no bairro me criei fui aprendendo cada vez que briguei e mal distingui a bófia à distância fui-me safando com a traficância O bando obedecia ao maioral gamando, bazando, desmarcando para lucro do grunho no comando não que a malta gramasse esse cabrão mas não moram bufos no quarteirão Esperei a minha hora ordens cumpri mas apertar o cinto não curti um belo dia fartei-me do avô ele nunca soube quem o chibou Bando sem chefe é um corpo doente subi ao poleiro imediatamente os brothers treinados para acatar obedeceram-me sem protestar Só há duas maneiras de reinar – a pieguice só vem transtornar – posso confiar-vos o segredo: ou decides governar pelo medo ou consegues que cada vendedor também se torne teu consumidor Num caso chibar seria imprudência no outro não se sai da dependência Não se morde a mão que nos dá de comer volta-se à fonte que nos dá de beber O único risco é cortarem-te o produto roubarem-te uns gramas a cada chuto trocando a cena pura por farinha por açúcar, por gesso ou aspirina Assim sendo reinar pelo terror é a melhor maneira de um gajo se impor Agarrei a sorte que me sorria julgando que ninguém me chibaria

eliminara todos os rivais
os meus lucros iam ser colossais
Até ri quando a bófia apareceu
sufoquei quando a bófia me prendeu
Purguei a pena, finalmente soa
a hora da saída desta choldra
os meus amigos esperam-me lá fora
com um olhinho enxuto e outro que chora
já sinto nas costas cada pancada
o abraço disfarçando a facada
Cá se fazem cá se hão-de pagar
de graça se fazem pagam-se a dobrar



DENTRO DE MIM NINGUÉM FICA DE FORA

Emílio Remelhe

com Amadeu, António, António Sampaio, Artur, Elsa, Fernando, Filipa, Goretti, Jorge, José, Luís, Marco, Miguel, Mónica, Ramesh, Raquel, Raul, Ricardo, Rui, Sílvia, Vítor
na Comunidade Terapêutica Ponte da Pedra

ilustração
Paulo Almeida

Choro por Dentro e Rio por Fora como toda a gente. Estou dentro de tudo, estou fora de mim. Tenho dentro de mim palavras que nunca mais acabam: por que não começam a sair? Se as palavras não saem pelo menos que entrem. Se não querem entrar, fiquem à porta, logo se vê. Por fora, o meu corpo, como é fácil de ver, cabe ali ao canto. Mas, dentro de mim, digo-vos eu, tenho espaço para a sala inteira.

Por fora, desejo Comunicar, por dentro não sei Começar. Por fora, disfarço a Ansiedade com dedos cruzados. Por dentro, combato uma Angústia indizível. Por fora, preparo a Amizade que dou. Por dentro, procuro Cantar com mais voz. Por dentro, um sincero Arrependimento. Por fora, a Coragem bate como nunca. Por dentro, a Doença que mói sem parar. Por fora, o Calor que me acolhe. Por dentro, a Fé, por fora, a Festa. Por dentro, a Força que move montanhas. Por fora, o Medo do vale profundo. Por dentro, o Futuro fechado no quarto. Por fora, o Perdão sem chave na porta. Cá dentro, a Lembrança mais viva do que nunca. Lá fora, a linha esticada do Horizonte. E nela, suspensa, toda a Liberdade, a secar ao vento. Aqui dentro, Revolta, aí fora, Pressão. Cresce dentro de mim poder e mais poder: não posso, não quero deitá-lo fora!

Por dentro, não vou desligar a Música. Por fora, terei de Ouvir quem respeito. É por fora, a Paciência, é por dentro, a Paixão. Por fora, Receios e mais Receios, dos próprios passos e dos passeios. Por dentro, a Saudade a alargar, a encolher. Por dentro, a Saúde que falta, por fora o Tempo que sobra. Por dentro, uma imensa Sensibilidade que nunca fala. Por fora, um Silêncio cansado de ter a última palavra. Por dentro, é dormir e Sonhar, por fora, é Sofrer e seguir. Por dentro, uma gota de Tranquilidade dá numa chuvada. Por fora, a Ternura do vosso olhar no momento certo. Por dentro, dou boleia à Tristeza nas curvas mais apertadas. Por fora, Ultrapasso o mais possível em linha reta (com tempo para colher, sem pré-pagamento, todo o Amor do mundo, mais o Amor-de-Mãe; e Amores-Perfeitos se for época deles).

Por dentro, a Vocação combate o vento norte. Por fora, a União convida os quatro ventos. Viver, Sobreviver, Saber Viver, Conviver: reunir por fora uma Equipa, Unir por dentro uma Comunidade. A Esperança é a última a morrer e ainda agora mesmo nasceu uma - e outras aguardam o agitado e calmo romper das águas. Ao fim e ao cabo, é sempre possível dobrar o cabo da Boa Esperança. Nisso, estamos todos no mesmo barco. Vou remando até Acordar: nunca sei se é pela noite dentro, se é pela noite fora. Por vezes não sei de que lado de mim quero estar. Por vezes, viro-me do avesso, para um lado, para o outro e assim por diante. E Descubro que vós, pelo menos, estais ao meu lado, seja ele qual for. Tenho andado fora de mim, mas tenho tudo aqui dentro. Se por fora vos pareço um quadrado, saibam que por dentro sou um círculo. Um círculo perfeito, quando me livrar desta espiral. Dentro de dias, estarei fora daqui. E levarei comigo os amigos que fiz, fora de dúvida, dentro do peito.



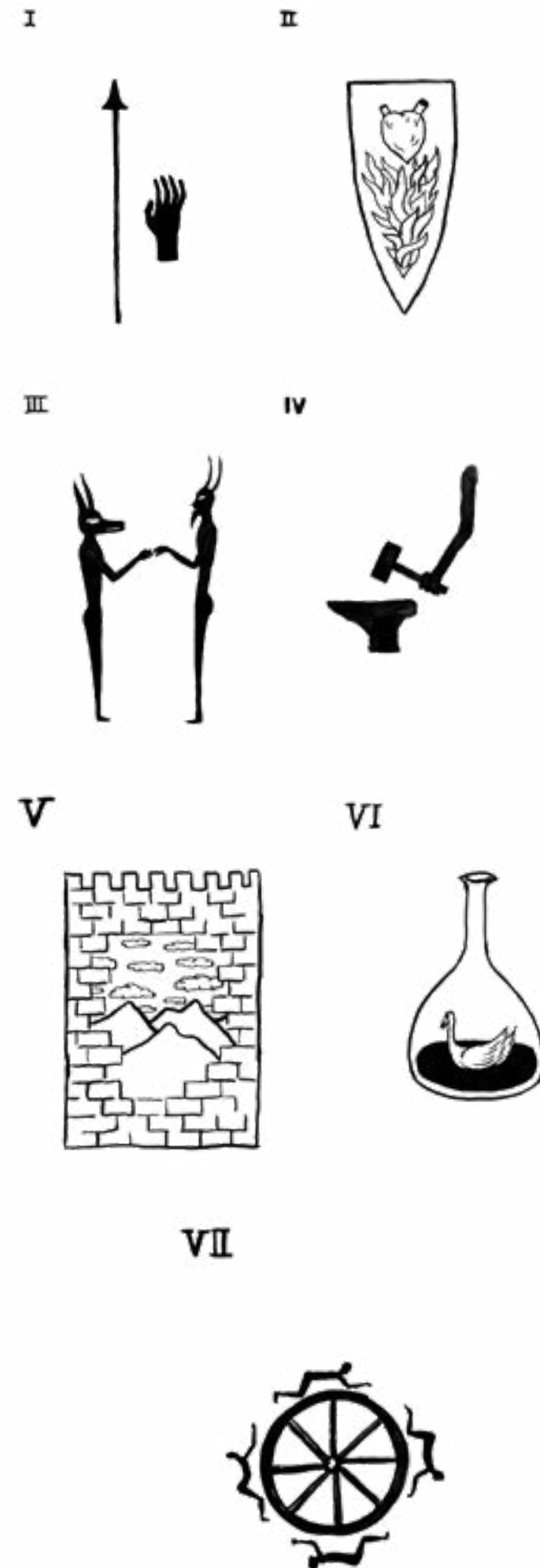
ENTRE JOB E CÉSAR

por Hugo Miguel Santos

com Animus, _forever young_, Josefim, Jurubildes Carimbo, Margolo, Kalon, Pocoyo,
Silenciador, Tuga e Tyson McGregor Ali
no Centro Educativo Santo António

ilustração
Miguel Carneiro

I Nada mais esperamos sobre a vastidão da terra. Para lá do medo e da ilusão, temos lanças e temos pedras, temos pés e temos mãos.	IV Bate secreto o coração, a boca excede-nos, faltamos às palavras.	VII Carregamos vivos e mortos. Do princípio, sabemos um fim. Do futuro esperamos um passado melhor.
II O tempo escuda-se em nós, vivemos entre job e César, sem destino, o horror e a paixão.	V Estrangeiros, bárbaros nos declararam. Quantos muros nos encerram, para lá dos limites da paisagem?	
III Do engano a luz que treva funda em nós? Irmanados por deuses e diabos, somos cada vez mais alma. E os ossos?	VI Vivemos entre César e job, o absoluto encanto e desencanto de estar vivo entre olvido e lembrança.	



NO JARDIM DE JUDITH

Nadine Brun-Cosme

com Ibrahim, Mohammad, Pema, Tenzin, Nida, Qaalid, Farah, Rebeca, Viktoria, Kristina, Isaac, Roman, Athles, Dima, Mariaa, Hussain, Bérangère, Léna, Marie, Frédéric

Tradução de Cláudia Oliveira

ilustração
Veronique Groseil

No jardim de Judith, nas ervas doces que acariciam os vitelos, os amarantos crescem e revelam as suas cores: primeiro, verdes, explodem depois vermelhos ou até violetas. No jardim de Judith, aos amarantos chamamos espinafres africanos. Só para dizer que vêm de outras paragens, de muito longe, que são misteriosos.

Nós também viemos de muito longe. Nós também estamos cheios de mistérios. No jardim de Judith, entre as ervas daninhas, juntos, recordamos: ali está o lugar, mesmo ao pé do rio, onde não há nem estrada nem barulho. E depois, o mar. Que nem sempre está limpo, mas era tão bom nadar nele. Há o parque também, que eu gostava porque nele estavam os meus amigos.

No jardim de Judith, há a canção do caracolinho todo quentinho e bem abrigado que cantávamos a plenos pulmões quando nos chovia em cima gota a gota, dando-nos as mãos e jurando nunca nos largarmos. Disso nós tínhamos a certeza absoluta!

No jardim de Judith, desenhei uma casa com sete meninas e um irmão. Eu era o mais pequeno, tu o mais velho. No jardim de Judith, o Inverno roubou uma parte ao Verão. Os salgueiros fazem chover neve nos nossos braços, nas nossas mãos. Sonho rodar depressa e para longe na minha viatura de sonho, skate ou carrinha Ranger.

Na casa partilhámos as nossas páginas e o nosso repasto, desenrolámos as nossas folhas onde dizíamos que não gostamos de matemática, mas que, apesar disso, os números nos tranquilizam, se os escrevermos um atrás do outro e bem apertadinhos, também com a data e a hora do dia em que estamos. Para ter bem a certeza de que estamos aqui, neste país, neste dia, nesta hora!

Na casa reencontrámos o cheiro a café que nos tinha seguido até aqui, cheirámos menta à força de amassá-la entre os dedos, andámos até chegar aos pés de tomate, depois esgueirámo-nos à socapa para a estufa onde as alfaces tinham acabado de ser colhidas, campo devastado que, pouco a pouco, pacientemente, floresce ainda mais forte.

Aqui, eu, o que prefiro é a calma e o grande silêncio, aquele onde ouvimos cantar muito ao longe os nossos cantos e as nossas marés.

Aqui, o que eu prefiro é sentir-me importante, o mais importante do mundo, aos olhos de todos e aos olhos de ninguém.

Não mostro nada. Muito menos os meus cadernos. Quando desenho, é nas margens e é tudo preto. Dentro há um grande desenho de um cão.

O meu cão. O cão que perdi.

No jardim de Judith, no silêncio e na calma, posso finalmente desenhá-lo. Contê-lo. Encontrá-lo e guardá-lo.

Ali, nos cheiros do tomate e da menta, sob a neve derramada pelos salgueiros em pleno Verão, no meio dos amarantos, também nós podemos revelar as nossas cores e crescer.



PORQUE É QUE AS GIRAFAS TÊM UM PESCOÇO TÃO GRANDE?

Rémi Checchetto

com Yann, Léana, Athénaise, Lucas, Clara, Chloé, Pierre

Tradução de José Lima

ilustração
Veronique Groseil

Para que se saiba, nós não fazemos as coisas pela metade, levantamos grandes e verdadeiras questões e entre o grande número de questões que levantamos, há a questão de saber porque é que as girafas têm um pescoço tão grande.

E depois, não encontramos bem a resposta e seguimos com a nossa vida. E ao seguirmos com a nossa vida, continuamos por exemplo a dizer bom dia. Dizemos bom dia à nossa família de acolhimento, dizemos bom dia ao nosso cão, dizemos bom dia à nossa família, aos professores, ao motorista do autocarro, aos irmãos e irmãs... Dizemos bom dia, dizemos tchau, assalam alaikum, olá. Dizemos bom dia fazendo assim com a mão, tocando os punhos, com um beijo, 2 está bem, 4 já é abusar.

E ao seguirmos com a nossa vida, fazemos aviões de papel e aproveitamos para ir até ao Taiti, ou até Nova Iorque, e no avião sentamo-nos no nosso assento, olhamos lá para fora, e vemos as nuvens e o azul, nuvens e azul...

E ao seguirmos com a nossa vida, há os que estão contentes, muitas vezes, ou menos contentes, às vezes, e até há vezes que isso leva algum tempo a passar, e então o melhor é ir para a natureza para o meio dos animais, é o mais indicado para este género de zanga com esta coisa que é o não-estar-contente.

Às vezes pode acontecer termos de lutar com monstros da pré-história ou com uma foca agarrada à linha da nossa cana de pesca.

Às vezes também pode acontecer que venha uma serpente comer os nossos morangos, ou que um cavalo tente trincar os nossos cabelos. Também podemos andar a nadar na Martinica na companhia de tartarugas enormes, ou a vermos os golfinhos no Mediterrâneo, ou vir uma gaivota que nos come a nossa sandes, ou andarmos de camelo, ou esquecermo-nos do nosso coelhinho lá fora e depois darmos com ele morto.

E depois ao seguirmos com a nossa vida, acontece virem-nos visitar uma data de perguntas. Como é que os coelhos conseguem fazer ovos de chocolate? Como conseguem os nossos pés crescer desde que nascemos? Porque é que as raparigas falam menos do que os rapazes? Como é que o Yann consegue imitar a voz da foca com o cantil dele? E finalmente a famosa pergunta: porque é que as girafas têm um pescoço tão grande?

A certa altura na vida, pára-se com tudo. Pára-se de nadar com as tartarugas, desce-se do avião, não se combate mais com monstros pré-históricos. Pára-se com tudo, sentamo-nos no pontão, tiramos os sapatos e as meias, e chap chap, ficamos ali com os pés na água do rio. Pausa, pára-se com tudo, e então – ideia brilhante! – surge-nos a resposta: as girafas têm um pescoço grande para poderem ter a cabeça fora da água quando atravessam o rio, porque para elas a cabeça delas é como a nossa cabeça, é o que temos de mais precioso. É nela que guardamos as nossas recordações, as nossas centenas de bons-dias, as nossas tartarugas nadadoras, sem esquecer a nossa tabuada.

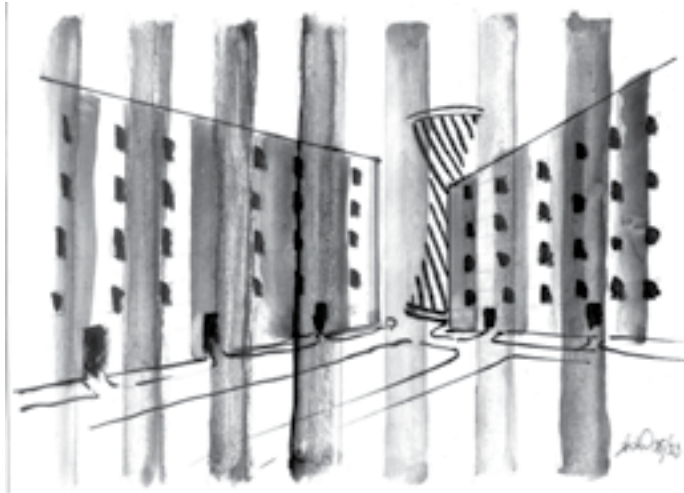
Nota bene: nós os 7, se nos puséssemos uns em cima dos outros medíamos exactamente 9 metros e 59 centímetros, duas vezes o tamanho de uma girafa.



O BAIRRO

Fanny Chiarello
com Shaïma, Sarah, Maryam, Laurence
Tradução de Cláudia Oliveira

ilustração
André Zetlaoui



Shaïma, Sarah, Maryam e Laurence vivem no Bairro. Chamam a Amiens Norte o Bairro. Para elas, o Bairro é Amiens e Amiens é o Bairro. Quando alguém de fora passa pelo Bairro, alguém de Étouvie, por exemplo, tu notas logo. Como um intruso na tua casa.

Quase nunca saímos do Bairro. Fazemos as compras no mercado do Bairro, não nas lojas. Se houvesse uma Zara no Bairro, então é que não saíamos mesmo – e seria logo incendiada: tudo o que há no Bairro acaba por ser queimado.

Laurence não visita a mãe com frequência: Moreuil só fica a 30 minutos de carro, mas a gasolina é cara. O comboio? Ela não está habituada ao comboio, à prática do comboio, iria adormecer, só acordaria já muito longe. O autocarro vai mais depressa e é gratuito ao sábado.

Há grandes espaços verdes à volta do aglomerado onde vive Maryam. Podem ver-se ratos a correr na relva – e debaixo dos carros, acrescenta Laurence –, a fazer corridas debaixo dos carros. Mas Amiens não é uma cidade verde, não, só acredita nisso quem não é daqui. As *hortillonnages* [jardins flutuantes] são uma atração turística. Laurence vai às vezes ao Promenade, um centro comercial arborizado, ao ar livre: quase que nem se está lá fechado.

As pessoas que não vivem aqui gostam muito de Amiens, diz a rir Shaïma, se bem que ela não pense

em ir-se embora, ao contrário de Sarah, que mais depressa se imagina em Lille, em Paris, e, porque não, no Sul, numa cidade com mais coisas. Ir para longe da família pareceria egoísta a Shaïma, além do mais, ela gosta do Bairro. Não poderia viver numa vizinhança calma.

Todos os dias, ao entardecer, encontra-se com amigos e conhecidos. Rapazes e raparigas juntam-se, jogam futebol, comem qualquer coisa, falam e riem, riem de tudo. Exceto nos dias de tiroteio. Exceto quando adolescentes são mortos. O resto do tempo, ver os jovens a gozar com a polícia, aos quatro numa scooter, fá-la rir às gargalhadas: os bóffias não são credíveis, nem correr sabem. Não são os mesmos da televisão, admite Laurence.

A vida do Bairro tem os seus costumes, que não são os do centro da cidade. Nunca encontrarias pessoas do Bairro num bar: é uma perda de tempo. Mas, não é o mesmo no centro comercial? Não é bem, não é uma perda de tempo porque compramos coisas. Os mais novos falam alguma vez de ecologia? O grupo parte-se a rir: nunca!

No planeta há a cidade de Amiens. Aí encontramos bairros chiques e bairros de alerta vermelho, eles próprios divididos em sub-bairros, como explica Antonin, do Relais Social. Dentro de cada sub-bairro convivem culturas e línguas diferentes. No Bairro, ou seja, Amiens Norte, sabemos o que é racismo e exclusão, às vezes temos ódio. Compreendemo-nos, passámos pelas mesmas situações, diz Shaïma, 16 anos. Por isso ficamos entre nós, não nos misturamos.

A SEREIA E O COQUEIRO

Arnaud Guillon
com Véronique Jeanne, Émeline Mosco, Florian Adenis e Yoann Vaille
Tradução de José Lima

ilustração
Leslie Dumortier



Empoleirado em cima de um coqueiro, Vasco observava o seu barco em cima da areia. A poucos passos dali erguia-se a cabana onde ele se refugiava todas as noites. Há quanto tempo estava ele à espera na praia? Duas semanas? Dois meses? Não o saberia dizer, de tal modo os dias pareciam todos iguais nesta ilha que ele tinha já percorrido mil vezes a toda a volta. Tinham-lhe falado num tesouro, formado por pedras preciosas e uma coroa de ouro, que os piratas, depois de um naufrágio, tinham escondido algures debaixo de um rochedo. Este tesouro, apesar das suas buscas, continuava por descobrir, e Vasco começava a sentir-se desanimado. No entanto, tinha prometido a Savana que um dia havia de lhe colocar a coroa na cabeça.

Certo dia em que ele andava a navegar, realmente, Vasco tinha recebido a visita de um grupo de golfinhos. Estes visitantes, que pareciam sorrir-lhe, interpretavam um bailado alegre antes de mergulharem nas águas de um azul turquesa. Como calculavam que Vasco os observava, os golfinhos regressaram várias vezes para executar a sua dança. Tinham já desaparecido há muito tempo, quando Vasco, que começava a aborrecer-se, assim sozinho no meio do oceano, viu surgir uma criatura. Crendo que se tratava de uma alucinação, tinha-se aproximado no seu barco. À sua frente nadava uma sereia que, com a sua

cabeleira loira, a sua silhueta graciosa e a sua cauda de peixe, lhe parecia uma das mais belas mulheres que ele tinha visto na vida. E Vasco temia já o momento em que a sereia, tal como os golfinhos, iria por sua vez desaparecer.

– Savana – respondeu ela com uma voz suave, quando ele lhe perguntou o nome. – E tu como te chamas? – Vasco.

– É um lindo nome, Vasco. Diz bem contigo.

Encorajado por este elogio, Vasco explicou a Savana que andava à procura de um tesouro. Como ela parecia interessada na história dele, Vasco prometeu oferecer-lhe uma coroa de ouro se ela fosse fazer-lhe companhia na ilha.

Empoleirado em cima de um coqueiro, desde esse dia que Vasco esperava a chegada da sua sereia. Desanimado, preparava-se para descer quando finalmente avistou a silhueta de Savana, que um tubarão ameaçava. Assustado pelas gaivotas que cantavam e os caranguejos que dançavam na praia, o tubarão pôs-se em fuga e desapareceu no horizonte. E Vasco viu Savana como uma aparição sair das águas nas suas duas pernas e dirigir-lhe um sorriso que era também uma promessa.

Nicolas Jaillet
com Nadine, Corinne, Laurent, Linda, Malika, Martine, Aude, Blandine
Tradução de Rui Teigão

ilustração
Veronique Groseil

Perdi a minha chave

Perdi a minha chave
A chave do carro
já não pega a minha nave
Ai que nharro, que nharro!

*Perdi a minha chave
Ajude-me, invente
Que coisa grave
Senhor agente*

Perdi a minha chave
A chave do negócio
Já não posso ir bulir
Oh la la, lá vem o ócio!

*Perdi a minha chave
ajude-me, invente
que coisa grave
Senhor agente*

Perdi a minha chave
a chave do cofre forte
Já avisei o conclave:
Lá se foi a tua sorte!

*Perdi a minha chave
ajude-me, invente
que coisa grave
Senhor agente*

Perdi a minha chave
A chave de casa
Vou dormir em que enclave?
Com um vizinho, sob que asa?

*Perdi a minha chave
Ajude-me, invente
Que coisa grave
Senhor agente*

Perdi a minha chave
A chave do paraíso
Estará na cave?
Ou debaixo deste friso?

*Comi umas aves
Com o senhor agente
Encontrei as minhas chaves
Atrás de cada dente*



O homem é como

O homem é como a mulher
Só que não sabe o que quer

O homem é como um criado
que está lá para servir a sua mulher

Um homem é o rei da casa
... o rei do sofá, sim!

O homem, seis vezes por dia... pensa naquilo!

O homem é como um cigarro
Dispersa-se como o fumo

O homem é mentiroso
As mulheres também, às vezes
Eles dizem que vão trabalhar
E depois vão para outro lado
As mulheres também, às vezes

Eu prefiro um homem sem pêlos debaixo dos braços

O homem e a mulher não conseguem viver, um sem o outro

Uma mulher pode mudar um homem e vice-versa!

Às vezes, separamo-nos
É assim

Há mulheres que amam mulheres
É assim



A primavera

Os pássaros no céu
Voam para longe
Para os jardins comer cerejas

O cheiro das flores
E da terra
Invade o ar puro

As abelhas acordam
Ziguezagueiam entre as flores
E colhem o mel

Tudo cresce
Os morangos, as couves-flores, as alfaces
Os coentros e os alhos selvagens

Os dias esticam
A cada dia
Passam cada vez mais rápidos

O pescador no rio
Apanha os peixes
Os insectos agitam-se à volta da linha

As borboletas voam também para longe
Necessariamente
Não ficam todo o tempo sobre as flores
Um dia ou outro, vão-se embora

Está bom tempo
Um tempo de trovoadas
O jardim que partilhamos
Está devastado



LOST IN TRANSLATION

Anne Jeanson
com Nour, Ayman, Fernando, Vrezh, Dalin
Tradução de Maria João Brilhante

ilustração
André Zetlaoui

Acolhidos pelo sorriso do Cardan, observamo-nos. Lermo-nos antes de escrever. Nos olhos de Nour e Ayman, vejo o exílio e a coragem. Nos de Fernando e Dalin, vejo travessias, fronteiras a transpor. Vrezh é arrancado da Arménia, num silêncio impossível, um silêncio que não faz batota, reprimindo a sua dor, digno até à ausência. As palavras vão fazer-nos falta, elas que são necessárias, para contar a fuga e o horror da guerra, o desenraizamento, a perda das paisagens, a perda das famílias, todas essas palavras procuramo-las.

Marcamos passo, um café, dois cafés, tentamos, traduzimos, as nossas frases torcem-se, fazem-nos rir, cada um com a sua língua, é ridículo, gostávamos tanto, estamos quase lá, um pouco de inglês, as mãos a dançar, Google vocal, já está, consegui, és um jornalista! Jornalista político, sondas o teu país, mas de longe agora. E tu um artista, instalado na tua bolha, sublimas tudo à tua volta, notas na guitarra, de tatuagem cinzelada. E tu tens a Maya, a criança a apaparicar, tu que dormes com ela, tu que compreendeste tudo. Partimos para a La Hôtoie, lavados por toda esta vida, rodeados pelos camiões, a feira que se instala, nómadas entre os nómadas. Os meus amigos esvoaçam para além da linguagem, como esse pássaro com o qual Ayman sonha, plumas e asas, sem documento nem visto de residência, que furam as linhas de demarcação, linhas de fuga, linhas de ódio, acima do mundo.

Regressamos e calamo-nos. Calamos os risos sonoros e os choros silenciosos. Pego no meu telefone, aumento o volume. Erik Satie toca no piano *Danses de travers* (Danças desengonçadas), por cima da minha leitura de uma fábula filosófica, instalando-nos por alguns minutos à distância da realidade. As palavras são ditas, sem nada compreender, mimo, vagamente. Estamos para lá das palavras, somos um pássaro mais alto do que o mundo e uma força, mais bela do que todas as ditaduras.



EU SOU OUTRO

Any Davidson
com Martine, Saadia, Patrick, Hajera, Paul, Maha, Mariame, Johanna, Mirvete
Tradução de Mariana Vieira

ilustração
Leslie Dumortier

Diz-se sobre mim que sou um aventureiro, que adoro cruzar os mares para chegar ao outro lado do globo terrestre, lá onde a vida é mais doce, as árvores mais verdes, os homens mais benevolentes, as mulheres mais bonitas. Então, navego entre duas águas. Caminho à noite, quando a escuridão é completa e o céu se ilumina de mil pequenos sinais. Isso dá-me esperança para continuar o meu trajecto.

Antigamente, no meu país, as pessoas sorriam, as crianças corriam aos gritos pelas ruas, e a minha mãe tagarelava no terreiro, no meio das galinhas, atirando-lhes as sementes.

Depois, tudo mudou e, progressivamente, as pessoas tiveram medo, as mulheres foram para dentro de casa, as meninas não voltaram à escola, os risos foram substituídos por apitos na rua. Então, eu fui-me embora para não mais voltar, deixei tudo para trás, dediquei toda a minha energia, toda a minha coragem ao serviço da minha determinação. Mais nenhum obstáculo no meu caminho, mesmo que tenha arriscado a vida, mesmo que tenha dormido ao relento, mesmo que tenha passado fome e sede, mesmo que me tenham fechado em campos, mesmo que tenham tentado recambiar-me para o meu país.

Agora, eu sou outro, um migrante, por vezes, um clandestino, mas as ganas de me integrar, de mudar de vida são mais fortes. Eles não me vão apanhar e, se me recambiarem, eu volto.

Venho de toda a parte, do Afeganistão, de Marrocos, de Angola, do Congo-Kinshasa, da Síria, da Costa do Marfim, dos Camarões.

Tenho a esperança louca de formar uma família, de dar uma boa educação aos meus filhos, de acarinhar o meu marido, de trabalhar no exterior, de conhecer, um dia, a América, de ser campeão de Judo, de ter um jardim cheio de flores, de cultivar legumes para fazer uma boa sopa marroquina e convidar os amigos.

Hoje sofro, não durmo bem à noite, vou de abrigo em abrigo, choro, por vezes, mas encontro consolo na associação, onde conheço pessoas que me ajudam

a aprender o francês e agora tenho amigos em quem posso confiar.

Tenho, por vezes, saudades do meu país e acho que os franceses não fazem uma boa sopa. Então, ensino-lhes o que é uma boa sopa marroquina, e até chego a cantar-lhes:

A sopa marroquina é bem melhor que a francesa
Grão, tomate, cebola, alho, coentros e farinha
Com salsa, *ras el hanout*, e carne, poucozinha
Este prato marroquino é a alegria da mesa





VAI NA VOLTA...

Jean-Claude Lalumière
com Audrey, Clarisse, Mathieu e Sébastien
Tradução de Mariana Vieira

ilustração
André Zetlauoi

Toda a gente chega a horas e de bom humor. O dia começa bem.

– Bom dia!

– O tanas!

Bem, talvez não para todos. Alguns devem ter dormido mal. Pomo-nos a trabalhar, como de costume. No intervalo, encontramos-nos no refeitório para um café. A Andréa prefere ficar na oficina a surfar no telefone. Uma verdadeira agarrada ao telemóvel. Nunca o larga. Um dia normal. Por enquanto...

Aqui, as reticências significam que se vai dar um acontecimento dramático.

Quando voltamos à oficina, a Andréa desapareceu. Em cima da mesa dela, o telefone, ainda aceso. A Andréa a mais de um metro do telemóvel? Toda a gente percebe que há ali um problema.

Verificamos as últimas mensagens dela. Há que desconfiar, com tudo o que se passa pelas redes sociais. Um mau encontro, mesmo que online, pode rapidamente dar para o torto. Vai na volta, alguém, conhecido na internet, convenceu-a a partir para o fim do mundo. E ela abandonou o telefone para que ninguém a encontre. Ou pior, ele veio, depois de a ter geolocalizado, e raptou-a. Vai na volta...

Decidimos ir ver o portão. Um portão é feito para estar fechado ou aberto, mas não a qualquer hora. Há regras. Se o tivéssemos encontrado aberto, não teria sido normal. Teria querido dizer que alguém tinha fugido precipitadamente, sem voltar a fechá-lo atrás de si. Os raptos raramente seguem as instruções. Mas o portão está fechado. Um raptor bem-educado, quiçá?

Enquanto discutimos o nível de educação do cabrão que raptou a Andréa, ela está, vai na volta, amarrada como um presunto no porta-bagagens de um automóvel lançado a todo o gás pela auto-estrada, sem que saibamos em que direcção.

– Os presuntos amarram-se?

Não é hora para uma discussão de charcutaria sobre a prática comprovada ou não do amarrar dos presuntos. Vai na volta, a Andréa está no fundo de um bosque, fechada numa cabana abandonada, à mercê de um tarado pronto a fumá-la como a um salmão. Porta-bagagens ou cabana, presunto ou salmão, a investigação está um desatino e ninguém é capaz de dizer se o raio do portão estava aberto ou fechado esta manhã.

– Normalmente, está fechado.

Mas nada é normal hoje. Vai na volta, a Andréa continua no interior, fechada num armário, num frigorífico, num caixote. Vai na volta, o raptor ainda está no local do crime. Vai na volta, está entre nós. Vai na volta, é um de nós...

Não vale a pena perder tempo com estas reticências, uma reticência suspeita até, que nos fez calar o bico.

Num silêncio pesado, olhamos para o portão, já sem nos atrevermos a balbuciar uma palavra, esperando a sua abertura para podermos fugir a correr, para o mais longe possível do perigo.

– O que se passa?

– Mas, Andréa, onde andavas?

Vai na volta, a Andréa estava na casa de banho...

AFINAL, É DOCE

Jérôme Leroy
com Christ à la vie, Inza, Michaël, Abdel Malick, Nina,
Elina, Mariam, Magalie, Coralie e Valérie
Tradução de João Pedro Bénard

ilustração
Leslie Dumortier



Vimos de longe e de muito perto, para esta casa de crianças na Rue Millevoye, 28, em Amiens. Dir-se-ia que o mundo inteiro, com as suas cores, as suas felicidades e infelicidades marcou encontro aí, sob o sol de Junho.

Então, misturamos, misturamos. Misturamos Abidjan e Harbonnières, Kinshasa e Amiens, Binao e Lille, Katiola e Compiègne. Os nomes dos países cantam: Costa do Marfim e Picardia, França e República Democrática do Congo. Os nomes próprios também cantam se se misturam. Abdel Malick cruza-se com Magali, Christ à la vie dança com Nina, Inza brinca com Coralie, Elina fala com Michaël.

Misturamos, misturamos.

Cada um trouxe da infância uma cor, uma luz, um odor, um paladar, o branco, a argila que se parece com chocolate, o odor da água durante uma inundação, o verde do rio Congo, o azul deslavado da manhã e o azul-celeste da tarde mesmo antes que a noite caia a toda a velocidade.

Misturamos, misturamos. Misturamos as feridas, as simbólicas e as reais. Misturamos as recordações, as tristes e as alegres.

Para a tristeza, países onde tivemos medo, como a Líbia, doenças porcas como a depressão, momentos porcos como uma travessia num barco incerto com um irmão pequeno ou em família, uma família que não chega inteira ao destino.

Para a alegria, apesar de tudo, as brincadeiras de infância como um inventário de Prévert. As brincadeiras na cama do Michaël! O Zango de Chris à la vie! O Bississi de Nina, Elina e Mariam!

O Matchkwata de Michaël (outra vez)! O Solé Molé e o Doudoukaya de Inza! O Xtré de Abdel Malick!

Para a alegria, ainda, os pratos de antigamente, o verdadeiro paladar da infância. O Graba, sêmola de mandioca e atum: segundo a Inza come-se seja a que horas for, de tão bom que é. O Tooh, pó de milho quente que se transforma em pasta e que se come com os dedos. O molho Douglé, que se faz com pó de quiabo. O Tshaka Madésu, folha de mandioca, feijões brancos e pretos, pimento. E não esquecer, para sobremesa, o Alloco: banana da terra frita em óleo de palma.

Para a alegria, os animais. O cão Ixellees da Elina, que o tem desde os seus dois anos. A Bella, a cadela de Christ à la vie que acabou... numa marmita. Christ à la vie tem relações complicadas com os animais: um macaco mordeu-a em jeito de presente de aniversário, sem contar com as picadas de alforrecas e de coelhos que se aliviam em cima dela! Estará ela amaldiçoada? Mas isso não é muito grave, e sorrimos ao lembrarmo-nos.

No entanto, como diz a Elina, que escreve poemas muito bonitos: «O mundo está cheio de palhaços que não fazem rir.» É por isso que é preciso imaginar um mundo melhor, uma utopia onde já não haveria carros, mas onde nos poderíamos deslocar de uma ponta à outra da Terra ao pensar muito intensamente no destino e estalando os dedos. Um mundo em que o chinês estaria pronto a dar a vida pelo maliano e o russo a albergar o ucraniano, ou o congolês não teria rancor contra o ruandês. Um mundo em que pudéssemos dizer, enfim, como a Nina: «Afinal, é doce!»

HISTÓRIAS EM QUE VOCÊS SÃO OS HERÓIS...

Sandra Vanbremeersch
com Choubganat, Aytan, Habibe, Houria, Céline, Déborah,
Marie, Yolande, Chelnone, Judith e Mélinda.
tradução de Cláudia Oliveira

ilustração
André Zetlaoui

Permitem, hã, que vos fale muito francamente? Que vos segrede uma história sem pés nem cabeça?

Foi ontem... vi passar um bando de Coletes Rosa em bestas selvagens, às cavalitas, e muito altivas, mulheres, mães, velhas, novas, um bando de amazonas, nariz no ar, cabeça ao vento, que seguiam em fila pela bela Picardia, para onde? para quem? para quê?



Saem de casa, muito discretamente, não se maquilham, vão assim mesmo, à aventura, sem preparação, sem arrebiques e sem pretensão, toda a vida lhes disseram como fazer, como ser, o que pensar, quem amar, em que coisa e em quem crer, mas ali, montadas nos seus cavalos metálicos, estão-se a marimbar para este mundo que fala por elas, o que importa é existir. A liberdade é sagrada.

Acreditarás nisto e naquilo, isolar-te-ás, aqui e ali, não, mas que chuva é esta de NÃO?, estas trovoadas interditas? que tempestade é esta que se abate por todo o caminho, que é isso do cala-te? do fica aqui? do não te mexas? que é isso da bicicleta ser só para rapazes?

Ah não! É pouco e tacanho, meus senhores! Temos

para nós outros projectos! Viver, ousar, resistir! Ah sim, é isso! Quereis que acreditemos na noite, no cinzento, na chuva, e mesmo que a cozinha é o nosso reino, que o silêncio é a nossa música e que nunca ninguém virá tocar as trombetas da nossa liberdade... mas isso foi sem contar com a nossa epopeia maluca! Chiu... ouçam a Brigada dos Coletes Rosa:

- Sou um licórnio
- Eu sou um gato
- Sou Natureza
- Sou vento
- Quero a paz
- No mundo, quero a humanidade
- Eu quero ser eu
- Muito simplesmente, de um modo muito diferente
- Faz com aquilo que tens
- Eu faço com o que sou!

Ah sim, parece um pouco resumido! Porque o caminho é longo e houve alguns acidentes de percurso, a Rebelle caiu ontem, nada de grave, a Choubganat levantou-a do chão, a Déborah riu-se, e todas elas foram-se embora mais fortes mais juntas. Solidariedade, sabem o que isso é?

Além do mais, faz bem à saúde, como sabem! A nós, deu-nos boas pernas, um bom exercício, é um outro tipo de cansaço diferente do de cuidar das crianças e da casa, é um cansaço muito próprio, verdadeiro, poético, é o cansaço da esperança, do sonho, um cansaço completamente livre, tão belo que dá vontade de gritá-lo, ai ai e de entrar em harmonia com o canto dos pássaros.

Ora aí está, digo-vos com toda a franqueza, hã, que em frente é suficientemente belo para que avancemos, o horizonte somos nós que o desenhámos, que o cantamos, que o pedalamos com força e com vontade para que se torne, sem disfarces e sem pretensão, num canto de esperança.

Valère Staraselski
Com Sandrine, Simon, Khadija, Manon, Françoise e Valère.
tradução de Mariana Vieira

ilustração
Veronique Groseil

Ou as heroínas. Sim, porque cá temos quatro mulheres, e depois um rapaz, que contam a sua vida, que não tem nada de longo rio tranquilo...

Quando os problemas começam no berço, sobre o qual nenhuma fada boa se dignou a debruçar-se, é preciso uma energia dos diabos, um instinto de vida decuplicado, «uma forma de força», segundo o rapaz, para seguir o seu caminho, já que este caminho estará pejado de ciladas. E não são nada pequenas, estas ciladas! São do género das feridas traumatizantes que nos mudam e que depois se inscrevem no coração, na alma e no corpo.

Quando um senhor alto, de mala na mão, veio buscá-la, depois de uma visitante da DASS a ter encontrado amarrada a um radiador, com uma trela e a gamela do cão ao lado, a servir de prato, a menina de quatro anos não podia «soltar as palavras». Impossível, ficavam encalhadas no fundo da garganta. É que ela estava com o irmão numa família de acolhimento e não queria ser separada dele. Por nada neste mundo! O senhor da mala, inspector dos serviços de protecção de menores, acabou por entender os gestos da criança desprovida de palavras

– que eram e seriam: «Nunca sem o meu irmão!»

E a menina, apesar de todo o mal que ela lhe tinha feito, saltou ao pescoço da mãe de acolhimento-carasco, que a afastou logo. Os dois foram então postos num orfanato, juntos... Vinte anos depois, encontramos-a a dar à luz, num baile, à Aurélia, que lhe irão depois tirar quando ela estiver na rua, para a confiarem ao pai, que deixará a sua nova concubina, literalmente, matar a pequena Aurélia, com quatro anos.

A segunda, a fervilhar de vida, amante de *hard rock*, também viveu na rua, durante muito tempo, para nunca mais lá querer voltar. Família de acolhimento aos 9 anos e orfanato aos 12.

As duas mulheres já têm, cada uma, mais tentativas de suicídio do que os dedos das duas mãos. Se uma diz, por vezes, «perdi a esperança», porque «o medo

impede-me de avançar», a outra, quase sempre confinada a uma cadeira de rodas por causa da hipermobili-dade, deve aos seus três filhos, bem como ao amor que lhe dedica o seu companheiro, a sua alegria contagiosa e esta fome de viver

que se pode resumir na frase: «Não me apetece não trabalhar!» A terceira, órfã de pai aos cinco anos, que vive sozinha com a filha de seis, espanta-se ainda de que em França «cada um esteja em sua casa» e que haja tanto «stress e angústia» e diz, com toda a simplicidade do mundo, que aquelas e aqueles que escolheram «o ter em vez do ser» perderam de vista, parece-lhe, que «a riqueza é a família».

Ele, apesar das graves deficiências físicas recentemente agravadas por um acidente de trabalho, tem um sorriso pronto.

A quarta enuncia, quanto a ela, uma simples constatação: «Vi o sofrimento por que as pessoas passaram, nunca tinha visto antes.»

E a primeira que diz «ter vontade de falar, necessidade até» fará a surpresa de um lanche com bolo de chocolate e refrigerantes fresquinhos. Parece que, no amor, só há provas...



DESENRAIZADAS... ELAS

Patrick Poitevin

com Martine, Koumba, Fridaus, Saadia, Ochie, Fatima, Vochota, Farida,
Mirvete, Fathia, Mariame, Johanna, Maha, Souad e Paul...
tradução de Mariana Vieira

ilustração
André Zetlaoui



razões familiares, de trabalho, de estudos, de cuidados... A esperança de uma vida melhor... Algumas eram recém-chegadas, outras estavam em França já há muito tempo, mas todas, apesar das voltas e reviravoltas da vida, tinham grande vontade de comunicar e esforçavam-se por aprender o francês: falando com os vizinhos, com o médico, com o farmacêutico, com os comerciantes... Elas acabaram por falar das suas inquietações, dos seus medos, e do que as deixava felizes...

De tarde, um novo ambiente... Elas eram quatro, depois cinco, depois sete! Com um «ele» que se juntou ao nosso pequeno grupo... Passaríamos em breve do riso matinal às lágrimas vespertinas... Já não havia problemas de comunicação. Elas e Ele falavam mais do que correctamente em francês. Elas e Ele vinham dos Camarões, da Argélia, da Síria, da Costa do Marfim, da República Democrática do Congo, de Angola, do Mali...

Elas e Ele tinham o mesmo percurso, a necessidade de fugir, as longas caminhadas, os traficantes, os barcos improváveis, o perigo mortal de atravessar o mar...

Elas e Ele falaram de ameaças, de intimidações, de prisões, de espancamentos, de torturas, de excisões, de casamentos forçados, de violações... Palavras simples, fortes, íntimas, sóbrias e violentas...

A palavra catártica, libertadora...

Eu imaginava-me nestas circunstâncias, traficante de palavras... Mas há histórias que ouvimos e que não posso contar...

Como lhes agradecer a confiança de falar...

Sinto-me tão pequenino...

Esta manhã, *Elas* são sete, todas têm dificuldades em exprimir-se em francês, e eu que só domino a língua de Molière! Pobre de mim... Pobres de nós!

Primeiro, elas estão tímidas. Ao medo de se exprimirem em francês junta-se o medo do desconhecido... E o Desconhecido, ao que parece, sou eu! Então, começamos por dizer os nossos nomes, contar de onde vimos...

Lá percebo que elas são originárias de Marrocos, da Nigéria, do Mali, da Roménia... A barreira da língua é de uma violência insondável! De uma parte e de outra, não se fazer entender e não se ser entendido... É o princípio da exclusão e do fechamento. Ainda assim, esta situação valeu-nos uns valentes risos, de tão absurdas eram as circunstâncias, com as minhas perguntas que não suscitavam senão incompreensão.

Depois veio a inteligência artificial, o Google e o seu tradutor! Qual *deus ex machina* improvável, para resolver uma grande parte dos nossos problemas de comunicação... Às traduções, demasiadas vezes aleatórias, responderam novos risos, e as respostas às minhas perguntas eram dadas em árabe, em maliano, em romeno, salpicadas com algumas palavras em inglês... O tradutor cumpria, no entanto, a sua função! Elas tinham deixado os seus países por

QUANDO A NOITE SE ACABA, O DIA NASCE

Éric Poindron

com Erick, Shukrullah, Abdulkhabir, Ferzad, Abdallah
tradução de José Lima

ilustração
André Zetlaoui



Isto não é um conto. É um encantamento. Ou um conto sobre os caminhos que contam e amanhã não existirão.

Quero aprender a ler e a escrever. Quero escrever as palavras novas e a palavra

«Neurónio». É Erick quem fala. Que experimenta. Que aprende. Ou é Shukrullah. Ou Abdulkhabir. Não, é Ferzad que aprende a falar. Ou Abdallah, talvez. Ou todos. Um só, mas em conjunto. Eles, os humanos. Os condenados do caminho. O frio e o calafrio. As mordeduras e a estrada. A noite e os cães. Não somos nós, são eles os desgraçados. Os bolsos vazios, os pés feridos. Sorriso de sangue.

Eles procuram o caminho. Que Caminho? Onde estamos nós? Nós somos. Escrevo as palavras novas e caminho. Existe um país, depois dez países. Eles são do Congo, de Mayotte ou das Comores. São afegãos. «Obrigados a todos muito pelas palavras», repetem eles.

Mas há um problema! Qual é? É uma palavra.

É um problema ou é uma palavra? É um pouco as duas coisas. Então guardo essa palavra no bolso. As palavras serão o meu futuro de amanhã. E elas caminham. Atravessam países. Vários, às vezes. Dez países. Elas atravessam o medo e a noite e o frio de dez países. Elas enchem os bolsos das palavras novas do seu talvez de amanhã. Bolsos profundos de palavras: liberdade, «o comboio ético», respeito, coragem, juntos, melhor, paciência, realidade. E ave também. E gaivota. Sabes o que é uma gaivota? É uma ave. É porreira. Não, é matreira. Então são palavras matreiras. É tudo o que tenho, estradas porreiras e palavras matreiras. Obrigado, tenho palavras em várias línguas. Estradas

de palavras e com elas inventarei novas estradas. Um deles pensou «é rebuscado», mas não conhece

a palavra. Não, não está já no bolso. Ingal, Pachtou, Darri. Vá, paramos aqui e pomos tudo em cima da mesa do caminho, todas as nossas palavras. É isso, o caminho é uma mesa e a mesa é um camin-

ho. Gosto muito das palavras que soam bem, mesmo que me engane de palavra e mesmo de caminho. «Soa-me bem», soa bem! É uma expressão. O que é uma expressão? Avança, é uma ordem! Queria compreender a língua e obrigado a todos muito pelas palavras, as palavras que são as minhas aves e eu sou como uma ave, voo por todo o lado. Para dizer a verdade também, sabes, quanto ao caminho, a minha mãe dizia-me «Tu és uma flor que vou plantar no meu coração para poder tomar conta de ti.» As palavras da minha mãe são a minha primeira colecção de palavras e eu continuo à procura das minhas palavras, do caminho e da minha mãe.

Eu chamo-me, eu chamamo-nos Erick do Congo, ou Shukrullah ou Abdulkhabir e Ferzad do Afeganistão, Abdallah de Mayotte e das Comores. Caminho e aprendo. Eu sou nós juntos, uma colecção de passos e de palavras. Amanhã será. Há-de ser. Sei e creio nisso.

Quando a noite se acaba, sabes, é verdade, o dia nasce. É este o meu título. É o título da vida.

Isto não é um conto. É a vida.

GRANDE BANZÉ NO ZOO

OS UNICÓRNIOS EXISTEM SIM...

Isabelle Marsay
com Maxime, Nihad, Wissal, Majdoline, Rufta, Laurence, Perrine, Annie
tradução de Joana Frazão

ilustração
Leslie Dumortier



Estava frio e chovia há um tempão no jardim zoológico de Amiens quando os animais ouviram uma voz vinda do céu:

– Boa noite, não tenham medo: somos dois unicórnios simpáticos, especialistas em felicidade. Adoramos conhecer malta nova, baloiçar nos arco-íris e brincar às escondidas com as nuvens...

– Se conseguirem roubar as chaves ao guarda, podemos fazer uma megafesta hoje à noite. Desde que os macacos e as araras não nos massacrem os ouvimos...

Os animais não acreditavam no que viam.

– Pff, os unicórnios não existem –, exclamou o tigre, alisando os bigodes.

– Mas é claro que existimos. E a felicidade, rapazinho, também não existe?

Os dois unicórnios colocaram um baú misterioso no centro do parquinho.

– E agora, fechem os olhos! Sem fazer batota.

Detestamos que olhem para nós quando estamos a mudar de roupa...

Puseram os seus vestidos de baile depois de abrirem uma arca cheia de lanternas de papel, bandeirinhas coloridas e guloseimas.

Titi e Filu, dois gatos vadios, olharam pasmados um para o outro ao descobrirem o arco-íris.

– Consigo partir a parede da casa do lobo e abrir alguns dos recintos – declarou Titi, inchando o peito de gato.

Vivia num buraco de rato e nunca se separava de uma mochila cheia de ferramentas. Certa vez tinha engolido um martelo e cuspiu-o quando queria. Não havia parede que lhe resistisse. Depois, dirigindo-se ao seu companheiro de viagem, que tinha cinco patas e nenhuma família de acolhimento, disse:

– Filu, pede ajuda aos ratos...

Passando pelo algeroz e depois por um buraquinho, os ratos do bairro entraram na casa do guarda, que roncava como Babborko, para confiar as chaves aos gatos, que libertaram todos os animais.

– Caramba! – exclamou a zebra ao descobrir todo o corpo da girafa.

– Só conseguia ver a tua cabeça nas nuvens...

Toda gente se apresentou.

– Eu sou o Crocky – diz o crocodilo. – A Titi libertou-me prometendo trazer-me uma pasta de dentes «ultra-bright».

– A festa pode começar! – exclamaram os unicórnios... Sabendo que ninguém deve comer ninguém...

Por precaução, serviram aos animais uma bebida estranha. Qual não foi a surpresa deles! A girafa herdou as riscas da zebra, e a zebra herdou as bolinhas dela. O crocodilo transformou-se em lagarto, os tigres em ratos e vice-versa.

– Não se preocupem, os efeitos da poção passam ao fim de três horas. Vamos ensinar-vos uma canção:

– A Rainha de Espanha põe as filhas a dançar; a primeira faz «tcha-tcha-tcha»; a segunda faz «oh, lá, lá»; a terceira faz «um, dois, três», vamos a isso!

E sob o arco-íris, sob as lanternas, cada um era ao mesmo tempo gato, macaco, lobo, cabra, rato, levado pela dança, sem qualquer distinção, pelo tempo de uma canção...

Agradecimentos

À equipa da Casa da Achada
À equipa da Associação de Residentes do Alto do Lumiar

Lisboa, 2023

16 17 18 J U N H O

A Leitura Furiosa destina-se aos que, sabendo ler, estão zangados com a leitura – crianças e adultos, homens e mulheres, empregados e desempregados, portugueses e estrangeiros.

A Leitura Furiosa é um acontecimento especial que acontece anualmente há vários anos em Lisboa e, ao mesmo tempo, noutras cidades. Uma dela é Amiens, em França, onde nasceu.

Para a Associação Cardan, de Amiens, que imaginou a Leitura Furiosa e a trouxe até Lisboa, e para a Casa da Achada, o saber deve ser acessível àqueles que dele normalmente são excluídos, o saber e a cultura devem nascer de uma ligação com o conjunto da sociedade e a cultura pode e deve ser pensada por aqueles que habitualmente não a praticam ou pouco se ocupam dela. Por aí passa uma outra forma de interagir. Que pode ser menos aborrecida do que às vezes parece.

A Leitura Furiosa dura três dias. É um momento especial. Quem é (ou que a vida tornou) zangado com a leitura, a escrita (e até o mundo) encontra-se com escritores! É um momento único que permite a um não-leitor aproximar-se da escrita, por intermédio de uma pessoa que escreve por ofício. Cada um faz ouvir a sua voz e até pode seguir depois um novo caminho, ao descobrir pessoas, coisas, frases, palavras que têm a ver com a sua vida e podem fazer pensar. Em si e nos outros.

Alguns pequenos grupos de gente zangada com a leitura (entre 4 e 6 pessoas) convivem durante um dia (sexta-feira, 16 de Junho), com um escritor. Almoçam. E continuam a conversar.

À noite, o escritor escreverá em casa um pequeno texto, a partir do encontro, que oferecerá ao grupo com quem esteve, quando, no dia seguinte (sábado, 17 de Junho), voltarem a encontrar-se, desta vez na Casa da Achada. Lê-se o texto, fala-se do texto, muda-se o texto. E os textos dos vários grupos são ilustrados por desenhadores convidados, à vista de toda a gente.

Depois do almoço, em que zangados com a leitura, escritores e ilustradores se reúnem, todos os grupos visitarão, com o seu escritor, uma biblioteca ou livraria.

No domingo (18 de Junho, às 15h30), os textos são tornados públicos (os que vêm de França são traduzidos para português) numa sessão de leitura em voz alta feita por actores, e alguns deles serão musicados e cantados. Será distribuída uma brochura ilustrada, com os textos escritos nas várias cidades, onde cada um, de uma maneira ou de outra, estará. Mesmo quem está zangado com a leitura pode entrar, querendo ou não querendo, na literatura que os leitores costumam ler e que os zangados com ela poderão ler também.

E mais tarde nascerá disto tudo um livro, de dezenas de grupos, de escritores e ilustradores que às mesmas horas falaram, ouviram, contaram, perguntaram, responderam, leram, desenharam, em várias partes do país e do mundo. Coisas iguais e coisas diferentes.



Cardan